

4468

462

1

Incidente na reserva indígena

Casal alemão é agredido por grupo atroari

O Governo da Alemanha pode reconsiderar a liberação de verbas para aplicação nas reservas indígenas brasileiras. Essa pelo menos era a expectativa ontem do jornalista Rainer Vollner ao relatar a agressão sofrida dentro do território dos índios uaimiris-atroaris (AM). Segundo o relato, Vollner, sua mulher Irmgard e um guia

foram agredidos com pontas de flechas e tiveram ainda seus pertences jogados no rio. Momentos antes, eles tinham sido abordados por três homens e duas mulheres que se identificaram como funcionários da Funai. A embaixada da Alemanha em Brasília espera um relatório da Funai para se posicionar sobre o incidente. (Página A3)

Márcio Rodrigues/free-lancer



Vollner (ao centro) critica a demora na apuração do episódio

699 24678

Alemães denunciam agressão na reserva

Turistas dizem que foram vítimas dos índios uaimiris-atroaris e que funcionários do posto da Funai até incentivaram a ação violenta

O Brasil pode ter suas relações diplomáticas com a Alemanha arranhadas devido a um incidente entre os índios da reserva Uaimiri-Atroari e turistas alemães, ocorrido sábado, 6, e que teria sido incentivado por funcionários do posto da Funai na reserva.

O casal de alemães Irmgard e Rainer Vollner estava realizando uma viagem pela região com duração prevista para 30 dias, onde iria percorrer o rio Negro e seus afluentes e algumas localidades próximas. Durante o trajeto, o jornalista Rainer escreveria reportagens para o Parlamento Alemão sobre a saúde do ribeirão e os aspectos sociais da região. Eles saíram de Manaus quinta-feira, 4, a bordo do barco "Noel" com mais cinco pessoas - o comandante, dois ajudantes de barco, uma cozinheira e o guia, também alemão, Peter Hoestmann.

Quando chegaram ao rio Curuiú, que corta a reserva dos Uaimiris-Atroaris já era noite - sábado - e

atracaram cerca de 250 metros dentro da área indígena. Segundo Vollner, um barco da Funai abordou a tripulação pouco depois. "Na embarcação da Funai estavam três homens e duas mulheres. Eles se identificaram como funcionários do órgão. Uma das mulheres afirmou que era médica da reserva. Mas estavam armados. Também não mostraram credenciais", disse Vollner.

De acordo com o jornalista, um dos funcionários, que se identificou como diretor do posto da Funai na reserva, exigiu que o guia Hoestmann e o comandante do barco o acompanhassem até o posto. Cumprindo a determinação, eles seguiram mais 30 minutos pelo rio Curuiú num bote de alumínio com motor de popa, de propriedade dos alemães, juntamente com o diretor.

"Enquanto seguíamos pelo rio, o barco alugado por Vollner continuou atracado, com toda a tripulação e alguns funcionários da Funai. Depois, chegamos a um lugar que nos foi informado ser o posto do or-

gão na reserva. O diretor pediu que esperássemos e só voltou após 20 minutos com três índios armados", denuncia Hoestmann. Ele também lembrou que foram levados para a outra margem do rio e, posteriormente a uma maloca que ficava próxima. No local, o chefe da tribo ficou irritado quando soube que havia turistas dentro da reserva e até ameaçou prendê-los por dois dias por terem entrado na área. Cerca de uma hora depois, pelos cálculos de Hoestmann, o barco "Noel", com o casal alemão e a tripulação, atracou no porto. "Nós fomos obrigados a descer e, com as pontas das flechas, os índios nos agrediram. Até o guia teve sua orelha perfurada pela ponta de uma lança dos Uaimiris-Atroaris", informou Vollner. Os índios jogaram todos os pertences dos alemães no rio - dinheiro, passaportes, colchão, redes, comida, água, combustível, máquinas fotográficas e roupas. Ao final, retornaram ao barco e foram conduzidos para fora da área indígena.

Jornalista critica ritmo da apuração

As autoridades brasileiras vão ter que dar uma resposta convincente ao governo alemão. Segundo o jornalista Rainer Vollner, o Parlamento da Alemanha já tem conhecimento do fato e pretende pedir explicações sobre o trabalho da Funai na Amazônia. Ontem à noite, o jornalista criticou a lentidão das investigações e alertou que, se não forem tomadas as providências necessárias, o governo alemão poderá reestudar a liberação de verbas significativas que são aplicadas no trabalho do governo brasileiro em reservas indígenas do País.

"No dia em que chegamos em Manaus, já voltando da experiência no rio Curuiú, estivemos no consu-

lado da Alemanha, falamos com a direção da Funai e tentamos registrar a ocorrência no 1º Distrito Policial; entretanto, para nossa surpresa, os policiais de plantão não quiseram registrar a queixa contra a Funai, apenas escreveram que os funcionários nos acompanharam até a área dos índios, por isso não assinamos o protocolo", denunciou.

O administrador da Funai em Manaus, Raimundo Catarino Cerejo, informou que já enviou uma equipe do órgão para a reserva, a fim de investigar o ocorrido e apurar as responsabilidades. Hoje ou amanhã, os técnicos que foram até o posto estarão retornando com as informações colhidas junto aos funcionários.

A Embaixada da Alemanha em Brasília se pronunciará nos próximos dias sobre o assunto depois que obtiver o relatório da Funai a respeito do caso.

O casal alemão, depois que foram agredidos pelos Uaimiris-Atroaris, seguiram até Novo Airão e lá conseguiram vender uma parte do combustível que os índios não derramaram na água, para comprar roupas e mantimentos. Ainda ficarão em Manaus até o fim do mês, ainda com a intenção de conhecer algumas localidades, porém, só sairão agora para áreas próximas à Manaus. O prejuízo para os turistas foi mais de R\$ 20 mil, segundo eles.



Márcio Rodrigues/Free-lancer

Rainer e Irmgard acreditam que relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha podem ser afetadas